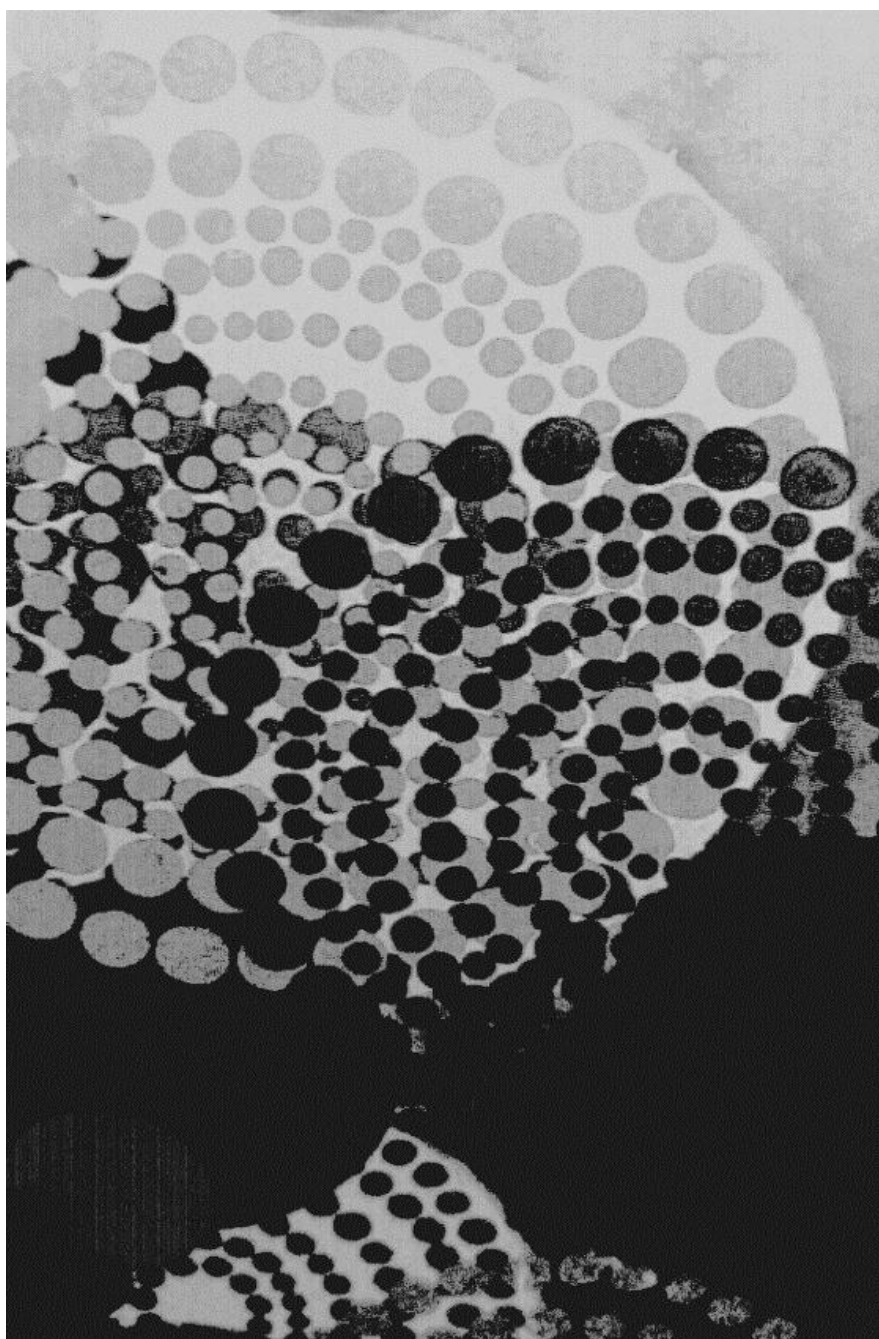




Cá entre Nós

2ª EDIÇÃO - CAMPINAS, JUNHO DE 2018



Editorial

Colegas,

Esta publicação foi criada por um grupo de estudos composto por professores /as que se reúnem quinzenalmente, no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Somos estudiosos de autores da atualidade, que nos sustentam na defesa de uma escola para todos.

Em nossos encontros, o desafio é ir a fundo no entendimento da inclusão escolar, como um caminho sem volta para a educação brasileira e demais países que também a têm como mote.

Temos avançado bastante em nossos estudos e queremos compartilhar com outros/as colegas o que estamos aprendendo e compreendendo cada vez mais sobre a inclusão, como direito de todos na escola, na sociedade.

Nosso intuito com esta publicação é disseminar conhecimento e ampliar cada vez mais a nossa roda de discussões, chegando até onde você está, leitor/a, direta ou

indiretamente interessado/a neste tema tão estimulante e atual.

Esperamos que vocês encontrem nas seções que compõem este jornal um espaço em que possamos nos encontrar e nos abrir, com toda a intimidade, com aqueles/as que nelas escrevem. Que as dúvidas, curiosidades, indagações de todos nós possam ser tratados neste espaço com liberdade, confiança, espontaneidade que são próprias de quando estamos... cá entre nós. Sejam bem vindos/as a este segundo de muitos números.

O Editor

Estamos em risco! Arrisque-se!

Isabella Claro Tegon

O mal-estar docente começa muito antes do primeiro dia, oficialmente, como professora. As situações antecedentes geram noções de incapacidade e desconfortos, tão abaladores, como a sensação de pisar em uma sala de aula pela primeira vez e não saber, ao mínimo, por onde começar. Sentir-se impotente em seu papel é um aspecto que acompanha, além dos docentes em atuação, os futuros professores que se encarregam a minimizar todo seu potencial reflexivo e suas concepções pessoais para, meio a pressão de ingresso universitário, se submeterem a uma prova excludente e tomada de aspectos meritocráticos: o vestibular. As medidas de seleção ainda não alcançam toda a população, o que faz com que “partes indesejadas” por tal ensino sejam impossibilitadas de frequentar um ambiente que, em teoria, é *de todos e para todos* e, na prática, tem aspectos eliminatórios.

Ser professor e ser aluno é experimentar diariamente novidades, ambientes desconhecidos, o verdadeiro devir.

Ora, a situação não se altera quando os alunos selecionados pelo vestibular participam da universidade. As medidas de permanência estudantis proporcionam um ambiente bastante excludente e, mais uma vez, seletivo.

A formação de professores acaba por ser, assim, um fixador do tradicionalismo e reprodutora de métodos e teorias que se repetem e desconsideram as inúmeras

possibilidades dos sujeitos e dos ambientes educativos. Junto ao dito, a hierarquização dos saberes acaba por ser explícita em muitos momentos, reafirmando parte das situações vistas durante todo o período vivido da escolarização básica: modulação, normatização, padronização. Assim, é suficiente para manter, por mais uma geração docente, estratégias que, desde o século passado, são consideradas ultrapassadas, e, ousar dizer que antidemocráticas. Como posto por Veiga-Netto (2007), no mesmo momento que a educação nos molda, passamos a naturalizar essa imposição. O cenário educacional, portanto, passa a ser pré-determinado e repetido



socialmente.

Muitos professores recém-formados, na verdade, não estão fartos de novidades, mas, sim, passam a ser novas peças de um mesmo jogo que se repete, principalmente graças à imersão dos docentes nesse sistema modulador de suas práticas. As afirmações constantes de hierarquia, de meritocracia e de padronização, fazem com que os cursos que deveriam, e que possuem potencial para, preparar profissionais com olhares às diferenças e à inovação – em vista à estrutura do ambiente escolar, aos indivíduos, às relações sociais e à heterogeneidade de forma geral – saiam prontos para transmitir ideias secularizadas que já deveriam ter sido abandonadas.

Para além do dito, o cenário político-social do Brasil tem insistido para que o ensino seja cada vez menos reflexivo e, conseqüentemente, mais uniformizado. Possuir papéis sobre os quais há prescrição de atos impossibilita a verdadeira experiência – aquela que toca sensivelmente o indivíduo.

É preciso parar de considerar a *stricto sensu* as prescrições docentes e discentes para que seja possível enxergar não aquilo que somos e que acreditamos que nossos alunos são incapazes de fazer perante a um modelo, mas, sim, as situações que podemos proporcionar e vivenciar meio as infinitas possibilidades dadas pela diferença de todos nós. Apesar de difícil, não nos deixemos abalar pelas prescrições. Há possibilidades – por mais distantes que pareçam estar – de ir além da educação nos moldes industriais estando em um ambiente aparentemente fadado por tal. Os indivíduos (professores e

estudantes), acima do sistema, revelam o que há de mais importante: a diferença. Utilizemos dessa situação para ampliar as possibilidades, maneiras de fazer.

Possibilite-se a criar e a re-criar em todo o momento! Ser professor e ser aluno é experimentar diariamente novidades, ambientes desconhecidos, o verdadeiro *dever*. O conhecimento e reconhecimento das diferenças no cotidiano escolar possibilita aos indivíduos, e aos grupos, o verdadeiro aprendizado, único, para cada um.

Arrisque-se...

Identidades, diferença e educação: provocações

Maria Isabel S. D. Baptista

“O problema não é inventar. É ser inventado, hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente.”

Carlos Drummond de Andrade

Em minha dissertação de mestrado, defendida na Faculdade de Educação da UNICAMP, (2009), discuti um tema que sempre foi palco de grandes conflitos e polêmicas: estudei a diferença e as identidades. Tema que está se tornando, hoje, questão de debates amplos no âmbito político, social, humanitário e, principalmente, no âmbito educacional.

Dito isso, quero trazer de volta algumas provocações que fiz em minha dissertação. Principalmente, sobre a maneira aberta de pensar a diferença e a forma instigante de considerar que as identidades precisam ter fluidez, aberturas.

Parti da constatação de que havia na sociedade a tendência em forjar representações fechadas, acerca dos músicos. Tal hipótese veio de minha vivência como cantora na noite e de conversas informais com público e colegas músicos. De modo geral, as pessoas, viam os músicos como pessoas que não trabalhavam, mas, sim, que se divertiam. Um dos objetivos de meu trabalho foi mostrar a viabilidade de romper com aquelas representações fechadas e buscar possibilidades de rupturas. Outro objetivo esteve centrado na percepção da diferença como algo irredutível, intraduzível, em outras palavras, eu buscava dizer que um estereótipo nada dizia sobre uma pessoa; quer fosse ela um músico, professor, deficiente, o que você quisesse. Trouxe charges, elaboradas especialmente por um cartunista, tendo como alvo o cotidiano dos músicos e que, em verdade, eram verdadeiros acintos. Letras de canções e textos literários iluminaram as idéias dos autores que fundamentaram o estudo e complementaram minhas análises. Por fim, constatei que os estereótipos construídos acerca dos músicos, mostravam a ilusão

Era preciso seguir tendo cuidado com as tentações e acirramentos evocados pela diferença..

inerente à identidade, pois eles não estavam naqueles padrões preestabelecidos. Por outro, as reações dos músicos a esses estereótipos, indicaram que a diferença era mesmo algo “incontível”, como pontuava

individual não pode ser resumida, traduzida para que fique mais simplificada. Ele existe. Apesar de minhas fantasias, suspeitas e, *principalmente*, apesar de meus medos.

“O outro não é igual a mim. Sua

multiplicidade, segue diferindo, por que defendê-la como uma “bandeira única” erguida no horizonte? Por que marcar a diferença, se em seguida ela será outra? Contudo, a diferença é fundamental para pensarmos em inclusão. Somos todos diferentes: eu, meus alunos, meus colegas. E sendo assim, por que continuar a dar sempre a mesma aula, do mesmo jeito para todos?

Viagem Aprendiz

SeiZo Soares

“Como aprende o viajante? Como viaja o aprendiz? Seja a viagem literal, de passagem comprada e mochila nas costas, mas também aquela que se percorre quase sem sair do lugar: aprendendo com um livro, com uma ferramenta, com uma pessoa, com uma situação. Em qualquer dos casos, o verdadeiro viajante (e o verdadeiro aprendiz?) é aquele que, com a intenção de encontrar algo valioso – que não sabe ao certo o que é -, dá um passo na direção do não-intencionado, do imprevisto, do impalpável desconhecido a ser degustado, vivido, criado, apreendido. Como um pirata que se lança ao mar de perigos, arriscando a própria vida em busca de tesouros misteriosos que quase sempre se esvaem ao final da aventura, sem que, no entanto, a real riqueza não tenha sido encontrada”.

Seja na viagem geográfica, seja na viagem intelectual, o que importa para o viajante aprendiz é o que ele



Gilberto Gil (1982). Sempre havia algo na diferença que escapava às tipologias e aos rótulos. Foi com o conceito de multiplicidade que dei um salto qualitativo em minhas análises: a partir da multiplicidade a “diferença segue diferindo” (Silva, 2000), portanto não é possível captá-la, tipificá-la.

Quando estudamos/discutimos identidades e diferença falamos sobre o outro: esse estranho que nunca é como nós desejamos; não pensa como gostaríamos e, raramente, diz o que queremos ouvir. Isso foi algo que estudei no texto de Silva (2000). O outro não é igual a mim. Sua característica

característica individual não pode ser resumida, ou traduzida para que fique mais simplificada. Ele existe. Apesar de minhas fantasias, suspeitas e, principalmente, apesar de meus medos. ”

Com esse estudo eu compreendi que não poderia olhar para meus alunos, com o objetivo de enquadrá-los em categorias, ou perfis, pois estes não diziam nada sobre eles. Era preciso seguir tendo cuidado com as tentações e acirramentos evocados pela diferença. Percebo que essa é uma discussão um tanto difícil de estabelecer hoje sem paixão. Se a diferença, a partir da

não sabe que não sabe. Suas rotas, planos e objetivos são apenas uma estrutura, um mapa, nunca a viagem em si, contida e reduzida a cronogramas, programações prescritas e resultados a serem alcançados.

Mas falar sobre aprender e viajar não é só falar da aventura em busca do desconhecido. É também falar do que é conhecido mas está esquecido, escondido, soterrado. Aquilo que *não sabemos que sabemos.*

Este tipo de conhecimento se manifesta em perguntas como: “Porque prefiro isso a aquilo? Porque penso *assim e não assado?*”. Aprender também passa por este reconhecimento de si próprio, passa por esta experiência que se tem de si mesmo. Aprender sempre é uma experiência íntima, singular, diferente a cada vez. É difícil encontrar as causas do aprendizado. É difícil de dizer.

Mas o aprendiz viajante não pretende manter em cativeiro o que aprende. Não pretende domesticar o aprendido, colocá-lo empalhado sobre a prateleira. Ele prefere sorver o que chega e se passa com ele e só mais tarde, se for o caso, reconstruir suas memórias e narrativas, criando subprodutos e novas aventuras - que já serão outra coisa que não mais a viagem. O aprendiz viajante não deixa lixo pelo caminho, não colhe *souvenirs*. Não. O aprendiz viajante caça outros tesouros: os acontecimentos!

Acontecimento é aquele fato cujo efeito parece ser muito maior que suas causas. O surgimento surpreendente de algo que muda

***Acontecimento é aquele fato
cujo efeito parece ser muito
maior que suas causas.***

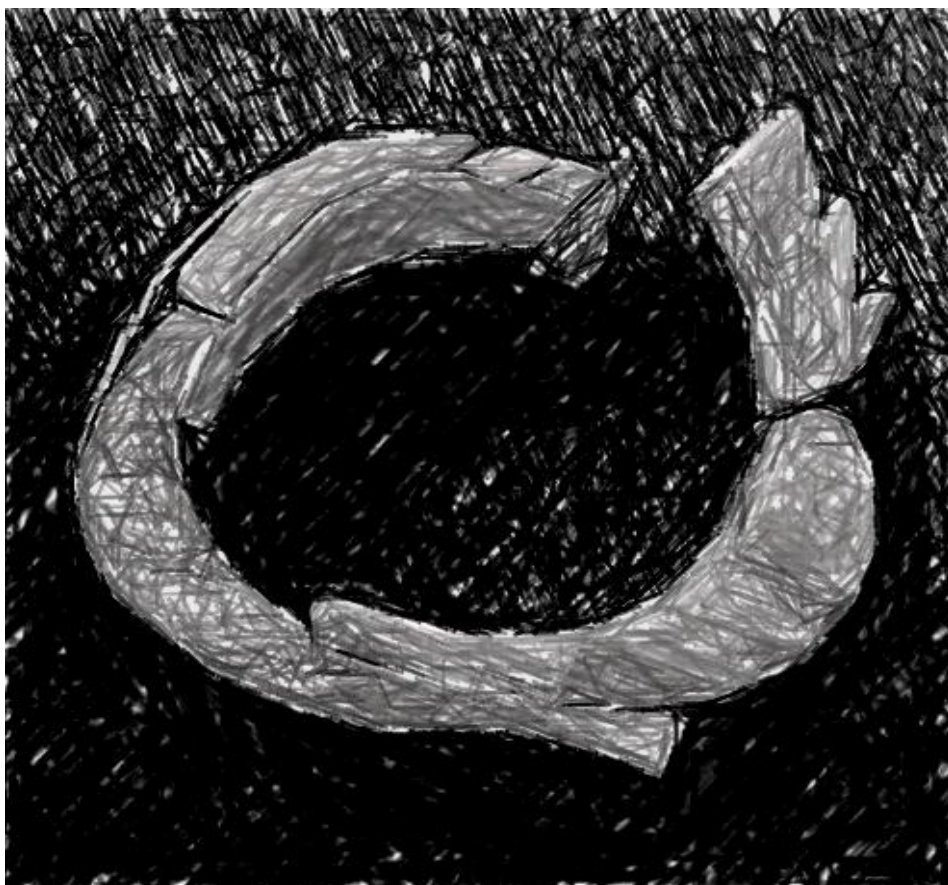
como vemos a realidade. O acontecimento não se prevê ou pode ser induzido (se o for deixa de ser um acontecimento), ele simplesmente acontece, mas depois que se passa, ganha todo o significado do mundo. No acontecimento encontramos nossas mudanças de rumo, nossa evolução, nossos saberes e nossos poderes. O percebemos em sua singularidade como algo impactante e transformador: as primeiras pedaladas, um grande amor, um grande autor, um passarinho na porta da sala, um tsunami no Japão, um prêmio, um gosto, um nascimento...

Então nosso aprendiz que viaja não se “pré-ocupa”, para que possa ser atravessado pelo acontecimento. Em sua jornada, segue mais como

um guerreiro que como um colonizador, mais como um nômade que como um cientista.

O nômade é o viajante que faz da viagem a própria vida. O nômade possui apenas o ponto de partida, nunca o de chegada, este permanece sempre no devir: no que há de ser e ao mesmo tempo já está; O destino está adiante e, ao mesmo tempo, o destino é o que está presente aqui e agora. Assim é aprender e ensinar, hospedar e hospedar-se: Encontros que constituem a vida e contornam quem somos.

A experiência da viagem aprendiz e seu desenrolar estético vão tecendo acontecimentos que são a matéria prima das criações de sentido, questionamentos, desvios, pausas, destruições – emaranhando-se rizomaticamente, em um campo de imanência de saberes e poderes. A viagem de aprender – como a infância e nossa



vida toda - se faz em partes, mas quando se olha para trás, não se vê emendas.

Assim, acredito que a aula em que se aprende é como uma viagem para todos. Tem um ponto de partida, mas não um ponto de chegada. É aberta ao acaso, sensível ao imprevisível acontecido, mas tem um plano, um roteiro, um cronograma e certos destaques estabelecidos de antemão (que mais tarde serão abandonados como conchas velhas pelo crustáceo). Esta aula-viagem deixa linhas de fuga, rotas para escapadas, frestas entre as causas e os efeitos. (Não se preocupa tanto com os efeitos, não confia demais nas causas arquitetadas). A viagem aula deixa respirar o acontecimento de cada pessoa, começando pelo seu professor.

A verdade que emana de um acontecimento – “a verdade acontecimental” Zizek, 2014 – é o tesouro valioso que o pirata, o nômade, o viajante, o aprendiz e o professor procuram. Esta verdade – não como ditado final, concluso – mas como verdade que se alimenta do momento e nutre a pessoa.

Nestes tempos de excessos, de distração e superficialidade, busquemos reencontrar o que esquecemos que sabemos e então demos uma nova chance ao que podemos como educadores, vivendo o dia plenamente, e todo encontro, gesto, palavra e pessoa em sua diferença e singularidade oceânicas.

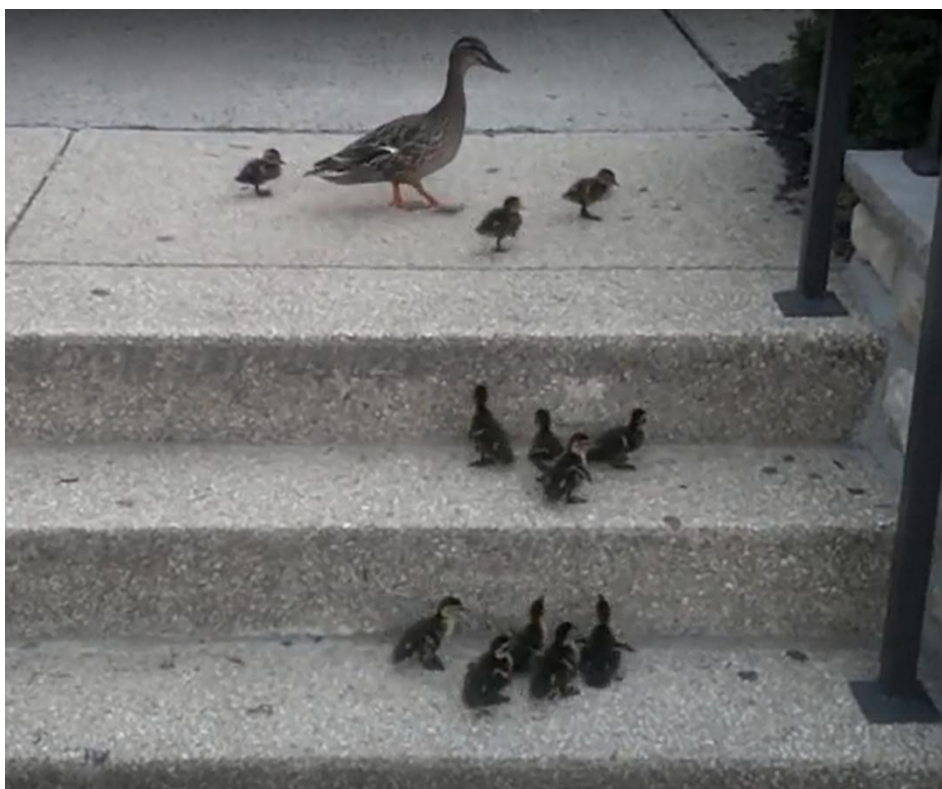
Do Violão e sua afinação

Daniel Nascimento

Recentemente, sem que eu saiba pontuar muito bem de onde, me veio uma vontade intensa de aprender a tocar violão. Não tinha nem nunca tive este instrumento em casa, então botei na cabeça que precisava de um. Cumprido o rito que sempre faço ao comprar coisas mais caras, sondando amigos e conhecidos, pesquisando em diversas lojas, por diversos modelos, encontrei aquele que queria. Num belo sábado em que recebia meus pais em minha casa, convidei-os a ir comigo e minha companheira efetivar a compra. Chegando na loja que já visitara

sob o braço, escuto de minha mãe o questionamento exclamado: “Ué, mas você nunca tocou, nem teve violão! Vai comprar um sem nem saber afinar?!” Eu mesmo, o rapaz que me atendia e até o caixa da loja prontamente devolvemos, quase num coro, a mesma resposta: “Oras, mas como seria possível aprender a afinar e tocar violão sem ter um nas mãos?”. Alguns poucos segundos se passaram enquanto minha mãe processava a resposta, até que concordou que, de fato, primeiro vem o violão; depois a experiência; então o saber tocar.

Trago esta minha experiência porque ela me levou a uma reflexão que quero compartilhar. Sejamos francos... Apesar do estranhamento causado naquele sábado, na loja de instrumentos musicais, a pergunta de minha mãe



anteriormente, peço o violão que já tinha escolhido. Eis que, enquanto vou me dirigindo ao caixa, violão

não seria estranha em nossas práticas escolares instituídas. Afinal, quantas vezes não

propomos, em nossos fazeres de professoras e professores, que se aprenda a afinar e tocar violões que não estão (e talvez nunca estarão) disponíveis? Oras, *isto não é um cachimbo*, nos lembra o pintor que, de fato, não conseguiria usar sua pintura para tragar seu fumo. Simetricamente, uma apostila de música não materializa em si a possibilidade de tocar um animado rock'n'roll.

“Se Maria tem 10 reais e compra 7 reais em laranjas, quanto Maria recebe de troco?” perguntamos, um tanto cinicamente, a nosso alunado. Digo “cinicamente” porque, afinal, a pergunta não carrega o prazer de ir à feira numa manhã outonal; não traz o ato de abrir a carteira e observar quais notas estão ali; não permite a ponderação (tão importante) sobre se prefiro laranjas ou pastéis; não oportuniza nem mesmo o gosto decepcionante de uma laranja mal escolhida, quê se dirá do prazer de uma succulenta laranja no ponto! Em outras palavras, perguntamos sem de fato nos preocuparmos com as laranjas, a compra, a Maria, ou o troco. Perguntamos, enfim, como se afina um violão sem oferecer a possibilidade de emitir os sons de uma corda!

Me pergunto, muito sinceramente, se tínhamos clareza do que fazíamos quando, em certo momento, jogamos fora o real, a experiência, o experimento, a

busca de possibilidades, e levamos às nossas salas de aula a apostila, o livro didático, e as respostas padronizadas. Quem terá tido a doura ideia de expurgar das escolas a possibilidade de viver o real como meio de aprendizagem?

Seria isso, esse processo controlado e esvaziado de experiências, o “ensinar”? Acredito que não.

Entendo que ensinar é isso que tenho me proposto a fazer comigo mesmo no tocante ao violão: Primeiramente, verificar que há o desejo de tocar; então, oferecer o violão e as infinitas partituras, tablaturas, cifras, e vídeo-tutoriais disponíveis na internet; munido deste arsenal de possibilidades, apoiar a experiência e a experimentação. Quando menos se percebe, há aprendizagem. Não como consequência do ensino, é claro. Como consequência da riqueza da *experiência*, que é só minha.

Não quero, com este exemplo pontual, insinuar que não me beneficiaria de ter um professor de violão me apoiando. É que, desta vez, quis afirmar a potência de guiar meu próprio processo, com total independência e autonomia dos cânones livrescos e escolares. Essa potência, aliás, que a escola vive de destruir em seus processos de embrutecimento das almas. Isso é algo que gosto muito de problematizar com minhas colegas de profissão. Sempre que conduzo uma proposta de formação docente, gosto de provocar: “quem pode me dar um exemplo de algo que aprendeu sem precisar da escola?”. Acho fascinante como é

difícil às pessoas encontrarem e compartilharem alguns poucos exemplos! Tenho a impressão de que ficamos tão sujeitados a acreditar que somente a escola pode salvar nossos cérebros da escuridão, que temos enorme dificuldade em afirmar: andei de bicicleta sozinho!; aprendi a fazer meu imposto de renda por conta; até fiz umas aulas, mas só aprendi mesmo a falar inglês quando fiz uma viagem.

E, como disse há pouco, veja como todos estes exemplos dependem da necessidade e/ou vontade, passam pelos recursos, e se concretizam na experiência. Ou alguém que lê este texto aprendeu a pedalar em uma bicicleta ergonômica? Já fez uma declaração de imposto de renda só por exercício?

Quero encerrar com um convite a você que me leu até aqui. Com um aplicativo de celular, é possível fotografar esse quadrado aqui em baixo. Chama-se qr-code. Ele levará a um vídeo que, pra mim, é o melhor exemplo possível de um ensino de qualidade, proposto por uma mamãe pato a seus bebês patos.

Vejam que a mamãe identifica um problema real, propõe-o a sua cria, e permite que cada um encontre suas soluções, em seus próprios tempos. Por uma pedagogia que dá o violão a quem quer tocar, aprendamos com os patos!

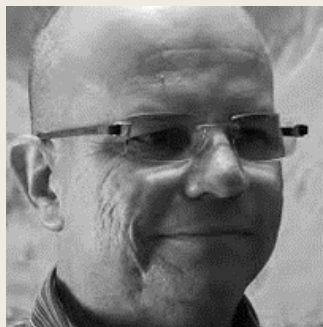
<https://youtu.be/JHy6bBKu0j4>



***Quem terá tido a doura ideia
de expurgar das escolas a
possibilidade de viver o real
como meio de aprendizagem?***

Entrevista

Prof. Silvio Gallo - Professor da Faculdade da Educação da Unicamp



1. O que você considera importante na educação e acontece?

O encontro. A educação é uma “arte do encontro”, parafraseando Vinícius de Moraes, e a escola é um espaço privilegiado para o encontro. Não importa que

escola, se ela é boa ou não, segundo quais padrões ela é avaliada. Ali crianças e adolescentes se encontram. Encontram-se entre si, encontram-se com adultos e, se for uma escola, pública, encontram-se diferentes classes sociais. E este encontro é, por si mesmo, educativo.

2. O que você considera importante na educação e não acontece?

Uma relação viva com a multiplicidade de saberes, com as diferenças de todo tipo, que poderia ensejar uma visão de mundo múltipla, plural, implicando em maior criatividade, no exercício da constante da curiosidade e em formas de vida ativas e dinâmicas. Isto tornaria possível um genuíno convívio com o

diferente, mas com um exercício de igualdade. Infelizmente, nosso sistema escolar apaga e impede que isso aconteça.

3. O que você não considera importante na educação e acontece?

Uma profusão de discursos vazios afirmando a importância da escola. Provêm dos mais diversos locais: políticos, empresários, instituições... Se a defesa da importância da escola e da educação fosse efetiva, nossa condição seria totalmente outra. O panorama seria muito distinto e teríamos outras lutas a enfrentar. Mas, infelizmente, esses discursos são feitos “da boca para fora” e não têm qualquer efetividade.

4. O que você não considera importante na educação e não acontece?

Há tanta coisa sem importância acontecendo na educação e povoando nossas escolas... Mas, algo que não é importante e que não acontece? Difícil de dizer; no exercício da desimportância, o pensamento quase cessa, quase paralisa... Talvez esteja aí uma resposta: o não acontecimento da desimportância é também um indicativo de falência de um sistema educativo carregado demais, normativo demais, demasiado pesado para nós e para nossas crianças.

Vamos ler? *Sugestões de Leitura*

- Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade – Escuta
- Tremores – escritos sobre a experiência - Jorge Larrosa - Ed. Autêntica
- O mestre ignorante, Jacques Rancière – Autêntica
- Piaget para principiante – Lauro de O. Lima - Summus

Cá entre Nós

Fale conosco:
caentrenosleped.blogspot.com.br

Direção editorial: Maria Teresa E. Mantoan
Produção: Vanessa F. Alves
Direção de arte: Gustavo Tomazi
Figura capa: Mônica Hummel

Realização:
Laboratório de
Estudos e
Pesquisas em
Ensino e
Diferença.

